

DINÂMICA DOS HOMICÍDIOS NA REGIÃO CENTRO-OESTE DO BRASIL (2012-2022)¹

Gabriel de Oliveira Accioly Lins²

Danilo Santa Cruz Coelho³

Alisson Gomes dos Santos⁴

SINOPSE

Neste estudo, apresentamos uma avaliação descritiva e quantitativa da violência letal registrada na região Centro-Oeste entre 2012 e 2022, com estatísticas sobre a trajetória dos homicídios e as características das vítimas por Unidade da Federação (UF). Os resultados obtidos apontam que o Centro-Oeste seguiu a tendência nacional de redução de homicídios, com particularidades no que se refere aos conflitos socioambientais e à atuação de organizações criminosas nas zonas de fronteira, elementos característicos da região. Ainda, foi observada uma grande vitimização de pessoas negras no Distrito Federal e de pessoas indígenas em Mato Grosso do Sul, o que revela uma urgência de políticas públicas e ações específicas que considerem a vulnerabilidade destes grupos.

Palavras-chave: região Centro-Oeste; homicídios; dinâmica de violência; conflitos.

1 INTRODUÇÃO

Embora a região Centro-Oeste tenha experimentado uma significativa redução da taxa de violência nos últimos dez anos, o nível ainda permanece alto, equiparando-se à taxa nacional. A região se destaca como um corredor logístico estratégico para o transporte de mercadorias ilegais e, conseqüentemente, torna-se território de disputas entre organizações criminosas. Atua como ponto de entrada para parte das armas utilizadas por essas organizações (Manso e Dias, 2018) e para aproximadamente 80% da cocaína e da maconha que ingressam no país (FBSP, 2022). Além disso, o Centro-Oeste é marcado por diversos conflitos socioambientais (CPT, 2024).

Este artigo apresenta uma avaliação descritiva e quantitativa da violência letal registrada na região Centro-Oeste entre 2012 e 2022, com estatísticas sobre a trajetória dos homicídios e as características das vítimas por Unidade da Federação (UF), servindo de ponto de partida para a leitura dos demais artigos deste boletim. As declarações de óbito das vítimas de homicídios, acessadas por meio do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM/MS), serviram como fonte de dados.

Vale destacar que, apesar da riqueza da base de dados do SIM para a condução de análises estatísticas, há problemas que podem distorcer a compreensão sobre a incidência de violência e criminalidade. Como apontado por Cerqueira e Lins (2024b), a partir de 2018 observou-se um aumento no número de óbitos por causa externa indeterminada, ou seja, casos em que não foi identificado

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/bapi38art1>

2. Bolsista do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Diest/Ipea). E-mail: gabriel.lins@ipea.gov.br.

3. Técnico de planejamento e pesquisa na Diest/Ipea. E-mail: danilo.coelho@ipea.gov.br.

4. Bolsista do PNPD na Diest/Ipea. E-mail: alisson.santos@ipea.gov.br.

se a causa foi homicídio, suicídio ou acidente, provocando uma redução artificial no número de homicídios registrados. Em Cerqueira e Lins (2024a), os autores apresentam uma correção para essa subnotificação de homicídios no SIM. No entanto, para manter a consistência com os indicadores de violência utilizados em outros artigos deste número e de edições anteriores, serão considerados apenas os homicídios oficialmente registrados.

2 DIAGNÓSTICO

A tabela 1 apresenta a evolução do número absoluto de homicídios em cada região geográfica do Brasil. Entre 2012 e 2022, o Centro-Oeste sempre registrou o menor número absoluto de homicídios, o que se refletiu na menor proporção desta região, em comparação às demais, no agregado nacional de homicídios. Em nenhum momento, a participação do Centro-Oeste ultrapassou 10% dos homicídios no Brasil, com 8,8% dos homicídios no Brasil registrados na região, totalizando 53.703 homicídios. Entre 2018 e 2022, o país registrou redução de 19,9% no número de homicídios. No mesmo período, em paralelo à redução no agregado nacional de homicídios, iniciada em 2018, a região Centro-Oeste apresentou diminuição de 23,0%, inferior somente à do Sudeste, que reduziu 26,5%.

TABELA 1
Homicídios nas regiões geográficas brasileiras (2012-2022)

Ano	Centro-Oeste		Nordeste		Norte		Sudeste		Sul		Brasil	
	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%
2012	5.504	9,6	21.192	37,1	6.090	10,7	17.567	30,8	6.692	11,7	57.045	100,0
2013	5.600	9,8	22.163	38,6	6.101	10,6	17.485	30,5	6.047	10,5	57.396	100,0
2014	5.788	9,6	23.550	38,9	6.291	10,4	18.236	30,2	6.609	10,9	60.474	100,0
2015	5.576	9,4	23.228	39,3	6.963	11,8	16.476	27,9	6.837	11,6	59.080	100,0
2016	5.647	9,0	24.863	39,8	7.903	12,6	16.815	26,9	7.289	11,7	62.517	100,0
2017	5.272	8,0	27.815	42,4	8.507	13,0	16.867	25,7	7.141	10,9	65.602	100,0
2018	4.766	8,2	24.121	41,6	8.365	14,4	14.719	25,4	5.985	10,3	57.956	100,0
2019	4.119	9,1	18.669	41,0	6.820	15,0	10.849	23,8	5.046	11,1	45.503	100,0
2020	4.108	8,2	22.451	45,0	6.003	12,0	12.199	24,5	5.107	10,2	49.868	100,0
2021	3.652	7,6	21.064	44,0	6.565	13,7	11.617	24,3	4.949	10,3	47.847	100,0
2022	3.671	7,9	20.129	43,4	6.554	14,1	10.820	23,3	5.235	11,3	46.409	100,0
Total	53.703	8,8	249.245	40,9	76.162	12,5	163.650	26,8	66.937	11,0	609.697	100,0

Fonte: SIM/MS.

Obs.: 1. N. abs. – números absolutos.

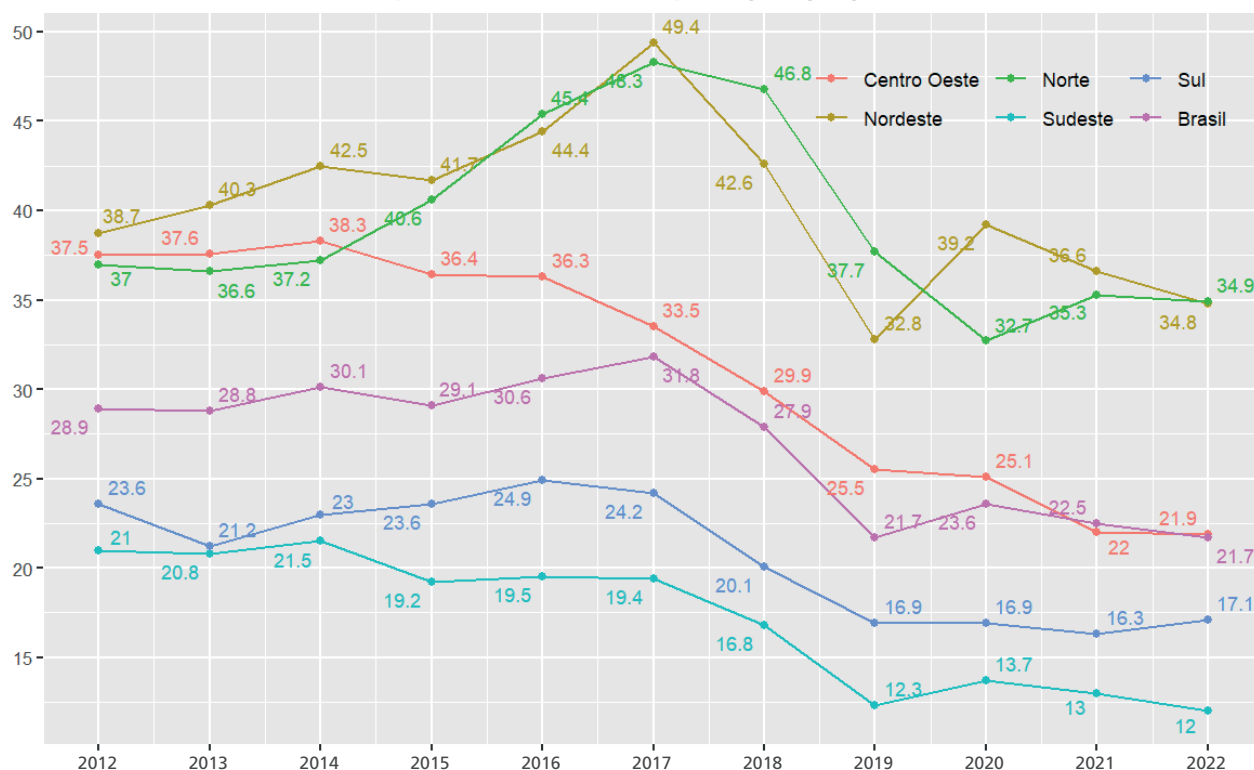
2. O número de homicídios na região de residência foi obtido pela soma do número de óbitos associados aos seguintes códigos da Classificação Internacional de Doenças, Décima Revisão (CID-10), elaborada pela Organização Mundial de Saúde (OMS): X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja, óbitos causados por agressão, intervenção legal e operações de guerra.

Apesar de os dados anteriores indicarem um contexto de menor gravidade, essa percepção é alterada quando se dimensiona a violência com base na distribuição demográfica populacional, ou seja, no número de vítimas para cada 100 mil habitantes. De acordo com o gráfico 1, entre 2012 e 2014, a região Centro-Oeste foi a segunda mais violenta do país, cedendo esse posto à região Norte entre 2015 e 2022. Nota-se também que, entre 2012 e 2020, o Centro-Oeste apresentou um processo de convergência em relação à taxa de homicídios nacional, com quedas mais acentuadas

ao observado no Brasil, alcançando certa sobreposição nos períodos de 2021 e 2022 nas taxas para cada 100 mil habitantes.

GRÁFICO 1

Brasil: taxa de homicídios por 100 mil habitantes, por região geográfica (2012-2022)



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNADc/IBGE) e SIM/MS.

Obs.: 1. O número de homicídios na região de residência foi obtido pela soma do número de óbitos associados aos seguintes códigos CID-10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja, óbitos causados por agressão, intervenção legal e operações de guerra.

2. Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

A análise intrarregional do número absoluto de homicídios, apresentada na tabela 2, destaca Goiás como a UF mais violenta da região Centro-Oeste, concentrando 52,5% dos homicídios. A tabela evidencia uma variação significativa na redução de homicídios a partir de 2017. Enquanto Goiás e o Distrito Federal alcançaram reduções expressivas de 41,8% e 41,4%, respectivamente, entre 2017 e 2022, superando a média regional de 30,3%, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso registraram quedas mais modestas, de 16,5% e 6,4%, respectivamente, apontando para uma maior dificuldade em reduzir homicídios nas UFs de fronteira.

O gráfico 2 apresenta a taxa de homicídios por 100 mil habitantes por UF. De maneira geral, observa-se uma tendência de retração em todas as taxas. Goiás, mais uma vez, destacou-se como a UF mais violenta da região, até ser ultrapassada por Mato Grosso em 2021. Apenas a partir desse ano, Goiás apresentou uma taxa de homicídios inferior à do Rio de Janeiro, uma UF historicamente associada à violência (Cerqueira *et al.*, 2024). A redução da taxa de homicídios em Goiás teve início em 2016, ano marcado pela desarticulação de uma quadrilha de extermínio composta por policiais militares.

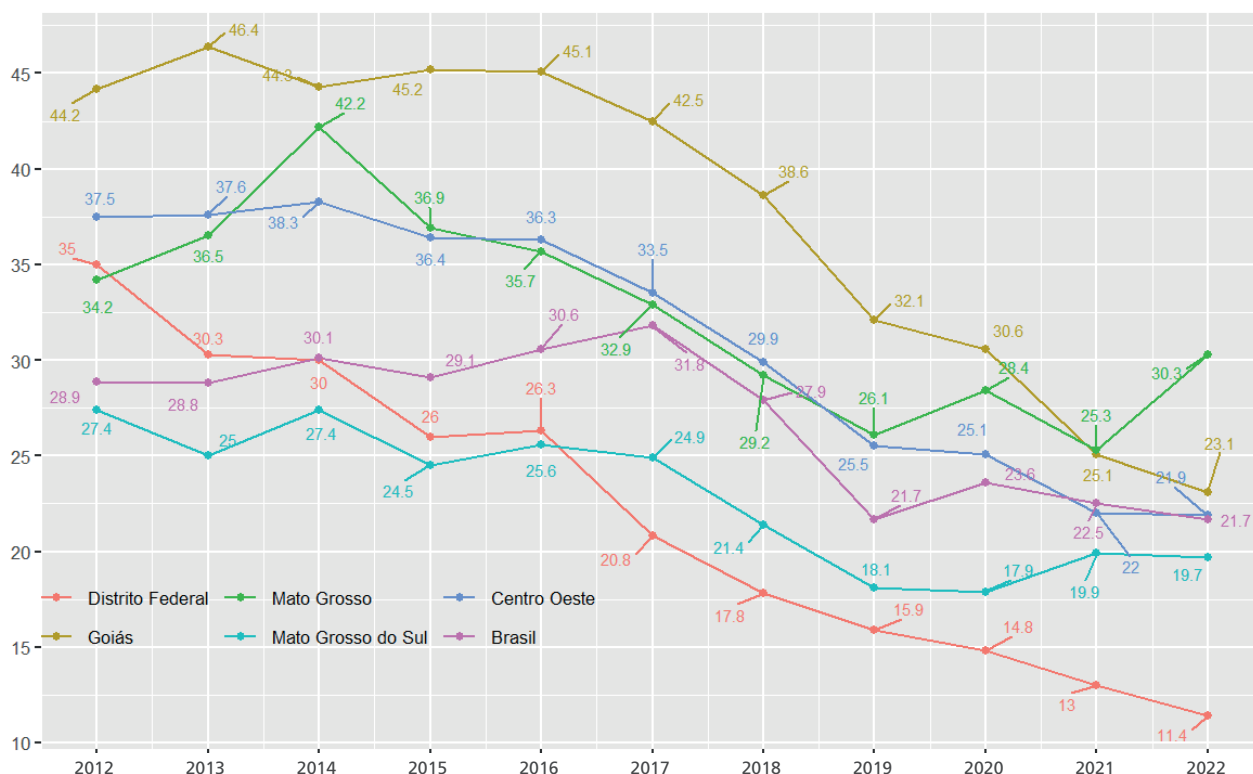
TABELA 2
Homicídios no Centro-Oeste (2012-2022)

Ano	Distrito Federal		Goiás		Mato Grosso		Mato Grosso do Sul		Centro-Oeste	
	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%
2012	954	17,3	2.793	50,7	1.074	19,5	683	12,4	5.504	100,0
2013	837	14,9	2.975	53,1	1.158	20,7	630	11,2	5.600	100,0
2014	843	14,6	2.887	49,9	1.358	23,5	700	12,1	5.788	100,0
2015	742	13,3	2.997	53,7	1.203	21,6	634	11,4	5.576	100,0
2016	760	13,5	3.036	53,8	1.180	20,9	671	11,9	5.647	100,0
2017	610	11,6	2.901	55,0	1.102	20,9	659	12,5	5.272	100,0
2018	530	11,1	2.675	56,1	989	20,8	572	12,0	4.766	100,0
2019	480	11,7	2.253	54,7	895	21,7	491	11,9	4.119	100,0
2020	453	11,0	2.177	53,0	987	24,0	491	12,0	4.108	100,0
2021	401	11,0	1.812	49,6	888	24,3	551	15,1	3.652	100,0
2022	357	9,7	1.687	46,0	1.077	29,3	550	15,0	3.671	100,0
Total	6.967	13,0	28.193	52,5	11.911	22,2	6.632	12,3	53.703	100,0

Fonte: SIM/MS.

Obs.: O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma do número de óbitos associados aos seguintes códigos CID-10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja, óbitos causados por agressão, intervenção legal e operações de guerra.

GRÁFICO 2
Taxa de homicídios por 100 mil habitantes no Centro-Oeste, por UF (2012-2022)



Fonte: PNADc/IBGE e SIM/MS.

Obs.: 1. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma do número de óbitos associados aos seguintes códigos CID-10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja, óbitos causados por agressão, intervenção legal e operações de guerra.

2. Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Quanto a Mato Grosso, a dinâmica de homicídios está associada a grupos de tráfico de drogas operando a partir da fronteira com a Bolívia (FBSP, 2022) e a conflitos socioambientais (Silva e Sato, 2012). Durante o período analisado, a UF foi seguidamente a segunda mais violenta da região, tornando-se a mais violenta em 2021. Assim, após reversão no crescimento da taxa de homicídios iniciada em 2015, a UF registrou retração até 2019, registrando aumento de 8,8% no ano seguinte e encerrando o período analisado como a mais violenta da região, com taxa de 30,3 homicídios por 100 mil habitantes, sendo a única do Centro-Oeste com aumento na taxa de homicídios em 2022.

A dinâmica criminal em Mato Grosso do Sul, semelhante à de seu vizinho ao norte, é marcada por disputas entre grupos envolvidos no tráfico de drogas ilegais e armas, que operam a partir da fronteira com o Paraguai. Em 2016, o município paraguaio de Pedro Juan Caballero, fronteira com o município sul-mato-grossense de Ponta Porã, foi palco do assassinato do traficante de armas Jorge Rafaat, evento que desencadeou conflitos entre facções criminosas em todo o Brasil (Manso e Dias, 2018). Além disso, o estado é marcado por numerosos conflitos fundiários (Barbosa da Silva, 2023) e, em 2022, registrou a maior taxa de homicídios de indígenas no país (Cerqueira *et al.*, 2024). A taxa de homicídios em Mato Grosso do Sul apresentou uma tendência de redução entre 2012 e 2017, com uma retração média anual de 1,89%. Esse ritmo se intensificou para uma queda de 14,7% ao ano no triênio seguinte, embora revertida nos dois anos subsequentes, encerrando 2022 com uma taxa de 19,7 homicídios por 100 mil habitantes.

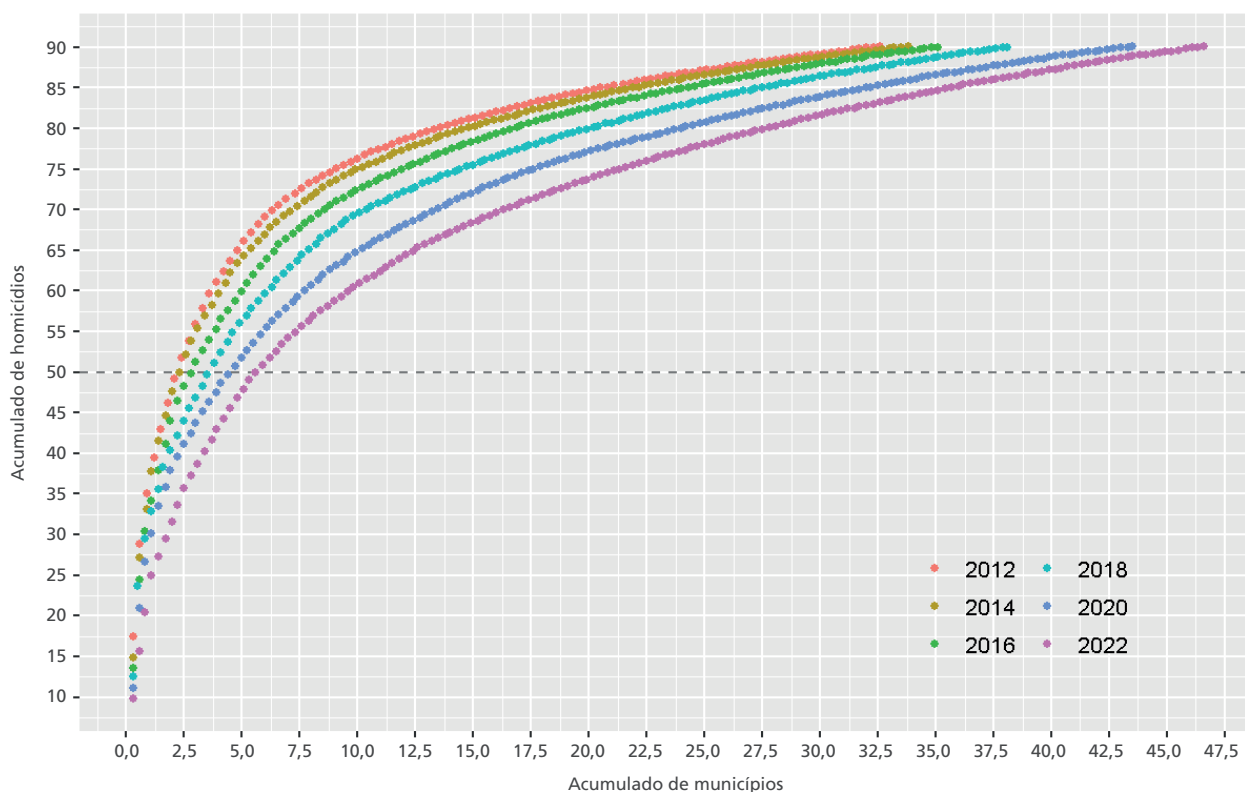
Por sua vez, o Distrito Federal apresenta reduções consistentes na taxa de homicídios por 100 mil habitantes, tornando-se, em 2017, a UF com a menor taxa da região. Entre 2017 e 2022, a taxa de homicídios registrou uma retração média anual de 11,3%, uma velocidade de redução superior à das demais UFs da região. Como resultado, em 2022, o Distrito Federal se destacou como a terceira UF com a menor taxa de homicídios por 100 mil habitantes do país.

Durante o período analisado, dos 467 municípios da região Centro-Oeste, 466 registraram ao menos um homicídio. Entretanto, a ocorrência de homicídios está concentrada em pequena fração dos municípios da região. Em termos absolutos, 80% dos homicídios na região ocorreram em 15,6% dos municípios, resultado consistente ao encontrado em outras análises de concentração espacial de crimes (Chainey *et al.*, 2019). Ainda assim, ao longo dos anos, observa-se marginal desconcentração espacial dos homicídios. O gráfico 3 apresenta a distribuição acumulada de homicídios ao longo de anos selecionados, evidenciando inicialmente a concentração em um número reduzido de municípios e posteriormente uma discreta desconcentração. No início do período, em 2012, 50% dos homicídios estavam concentrados em 2,4% dos municípios. Em 2022, último ano considerado, igual percentual de homicídios foi registrado em 5,6% dos municípios. Este resultado indica espalhamento dos homicídios na região Centro-Oeste.

GRÁFICO 3

Distribuição acumulada dos homicídios por município (2012-2022)

(Em %)



Fonte: SIM/MS.

Obs.: 1. O número de homicídios no município de residência foi obtido pela soma do número de óbitos associados aos seguintes códigos CID-10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja, óbitos causados por agressão, intervenção legal e operações de guerra.

2. Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Uma forma de verificar a existência de aglomerados de violência e sua diferenciação interna é analisar a incidência de mortes violentas letais entre as regiões geográficas intermediárias de cada UF, anteriormente denominadas mesorregiões pelo IBGE. No gráfico 4, observa-se, de modo geral, uma tendência persistente de diminuição nas taxas de homicídios por 100 mil habitantes na maioria dessas áreas.

Em Goiás, três das seis regiões intermediárias apresentaram quedas expressivas, saindo de níveis superiores a quarenta vítimas por 100 mil habitantes para menos de trinta por 100 mil habitantes no último período. Destaca-se a região intermediária de Luziânia, no nordeste da UF, que registrou uma retração de 58,4% entre 2012 e 2022, uma variação superior à redução de 47,7% observada no estado como um todo. Não obstante, Luziânia permanece como a região com a maior taxa de homicídios de Goiás.

Em Mato Grosso, a queda na taxa de homicídios, durante o período analisado, está circunscrita às regiões intermediárias de Cuiabá e Rondonópolis, que deixaram de ser as mais violentas da UF, com diminuição de 47,5% e 24,5%, respectivamente, entre 2012 e 2022. Em Mato Grosso, o aumento da taxa de homicídios por 100 mil habitantes registrado em 2022 foi impulsionado por um crescimento entre anos de 77,2% na região de Cáceres, localizada na fronteira com a Bolívia, e

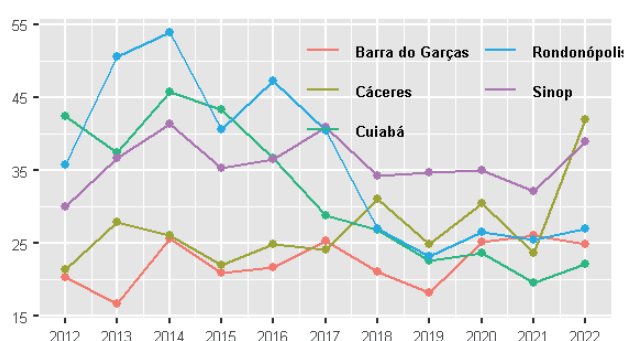
de 20,9% em Sinop, que faz divisa com os estados do Acre e do Amazonas, em região marcada por conflitos fundiários (Cimi, 2023).

Por fim, em Mato Grosso do Sul, as regiões intermediárias apresentam tendências distintas ao longo do período, embora tenha ocorrido uma diminuição ao longo do tempo. Enquanto Campo Grande registrou, entre 2015 e 2019, uma redução média anual de 1,48% na sua taxa de homicídios, as regiões fronteiriças do estado, Dourados e Corumbá, apresentaram quedas anuais ligeiramente superiores, de aproximadamente 5,09% e 2,32%, respectivamente. Esse resultado contrasta com o observado em Mato Grosso, onde as regiões fronteiriças exibiram taxas de homicídio superiores às das demais regiões.

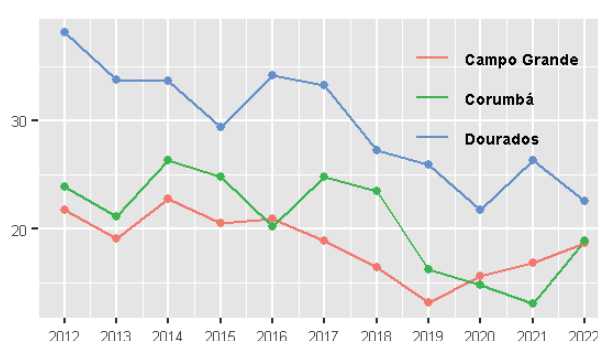
GRÁFICO 4

Taxa de homicídios nas regiões geográficas intermediárias do Centro-Oeste (2012-2022)

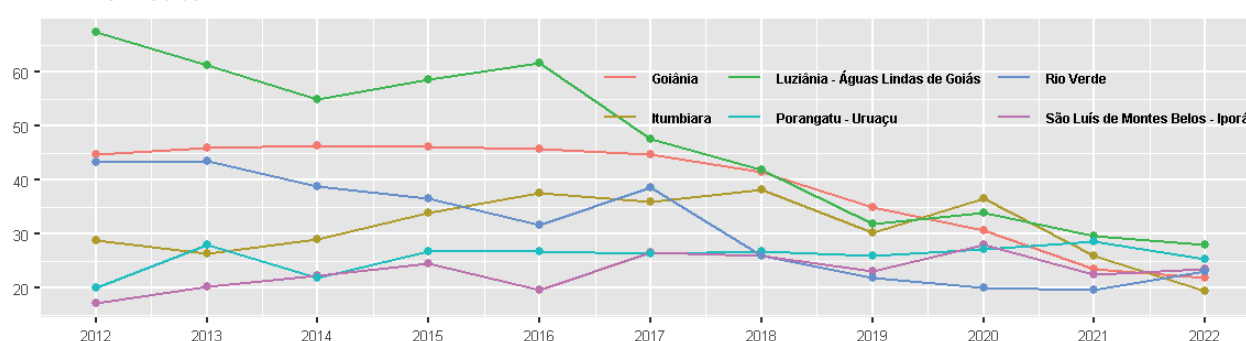
4A – Mato Grosso



4B – Mato Grosso do Sul



4C – Goiás



Fonte: SIM/MS e IBGE (2023a; 2023b).

Obs.: 1. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma do número de óbitos associados aos seguintes códigos CID-10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja, óbitos causados por agressão, intervenção legal e operações de guerra.

2. Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

A tabela 3 apresenta as principais características do perfil das vítimas de homicídio no Brasil e nas UF da região Centro-Oeste entre 2012 e 2022. De modo geral, o perfil das vítimas de homicídio não difere significativamente do observado no agregado nacional. A vítima típica de homicídio é um homem jovem, negro (preto ou pardo), de baixa escolaridade, morto por arma de fogo em vias públicas. Apesar dessa semelhança, cada UF apresenta particularidades importantes. Enquanto 76% das vítimas de homicídio na região são negras, no Distrito Federal essa proporção atinge 82%, valor consideravelmente superior aos 73% do total nacional. Em Mato Grosso do Sul, 6,6% das

vítimas de homicídio são indígenas, uma proporção 16,5 vezes maior que a nacional. Além disso, em Mato Grosso do Sul, armas perfurantes são os instrumentos utilizados em 32% dos homicídios, o dobro do registrado no agregado nacional, indicando a necessidade de abordagens diferenciadas na prevenção desses crimes.

TABELA 3
Características dos homicídios na região Centro-Oeste (2012-2022)

Características	Distrito Federal		Goiás		Mato Grosso		Mato Grosso do Sul		Centro-Oeste		Brasil	
	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%
Indivíduos vitimados	6.967	13,0	28.193	52,5	11.911	22,2	6.632	12,3	53.703	100,0	609.697	-
Raça ou cor												
Amarela	20	0,3	34	0,1	27	0,2	20	0,3	101	0,2	907	0,1
Branca	1.150	17,0	5.858	21,0	2.578	22,0	1.892	29,0	11.478	21,0	139.155	23,0
Ignorado	98	1,4	546	1,9	176	15,0	56	0,8	876	1,6	21.907	3,6
Indígena	5	< 0,1	13	< 0,1	26	0,2	436	6,6	480	0,9	2.286	0,4
Negra	5.694	82,0	21.742	77,0	9.104	76,0	4.228	64,0	40.768	76,0	445.442	73,0
Instrumento												
Afogamento	5	< 0,1	21	< 0,1	23	0,2	11	0,2	60	0,1	639	0,1
Contundente	581	8,3	1.779	6,3	945	7,9	344	5,2	3.649	6,8	35.550	6,3
Desconhecido	103	1,5	624	2,2	436	3,7	432	6,5	1.595	3,0	24.573	4,0
Enforcamento	123	1,8	397	1,4	189	1,6	211	3,2	920	1,7	8.692	1,4
Envenenamento	4	< 0,1	9	< 0,1	13	0,1	12	0,2	38	< 0,1	411	< 0,1
Fogo	52	0,7	115	0,4	45	0,4	55	0,8	267	0,5	3.141	0,5
Impacto	6	< 0,1	9	< 0,1	6	< 0,1	9	0,1	30	< 0,1	419	< 0,1
PAF	4.620	66,0	19.841	70,0	7.382	62,0	3.363	51,0	35.206	66,0	441.749	72,0
Perfurante	1.456	21,0	5.364	19,0	2.845	24,0	2.150	32,0	11.815	22,0	90.527	15,0
Veículo	17	0,2	34	0,1	27	0,2	45	0,7	123	0,2	996	0,2
Escolaridade												
Nenhuma	135	1,9	770	2,7	419	3,5	331	5,0	1.655	3,1	21.088	3,5
1 a 3 anos	1.220	18,0	4.126	15,0	1.607	13,0	457	6,9	7.410	14,0	98.401	6,0
4 a 7 anos	2.937	42,0	10.517	37,0	4.199	35,0	1.806	27,0	19.459	36,0	213.524	35,0
8 a 11 anos	1.666	24,0	6.572	23,0	3.519	30,0	1.573	24,0	13.320	25,0	126.609	21,0
12 anos e mais	345	0,5	702	5,2	380	3,2	197	3,0	1.624	3,0	12.580	2,1
Ignorado	674	9,7	5.506	20,0	1.787	15,0	2.268	34,0	10.235	19,0	137.495	23,0
Estado civil												
Solteiro	5.605	80,0	18.805	67,0	7.796	65,0	4.177	63,0	36.383	68,0	437.396	72,0
Casado	521	7,5	2.675	9,5	1.221	10,0	728	11,0	5.145	9,6	58.968	9,7
Viúvo	45	0,6	245	0,9	94	0,8	77	1,2	461	0,9	5.114	0,8
Ignorado	441	6,3	3.215	11,0	1.303	11,0	666	10,0	5.624	10,0	58.796	9,6
Divorciado	254	3,6	940	3,3	386	3,2	299	4,5	1.879	3,5	15.602	2,6
União estável	101	1,4	2.313	8,2	1.111	9,3	686	10,0	4.211	7,8	33.821	5,5

(Continua)

(Continuação)

Características	Distrito Federal		Goiás		Mato Grosso		Mato Grosso do Sul		Centro-Oeste		Brasil	
	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%	N. abs.	%
Local do incidente												
Área de administração pública	83	1,2	291	1,0	178	1,5	50	0,8	602	1,1	9.269	1,5
Área comercial	192	2,8	442	1,6	770	6,5	483	7,3	1.887	3,5	13.719	2,3
Área esportiva	12	0,2	31	0,1	41	0,3	8	0,1	92	0,2	1.146	0,2
Fazenda	10	0,1	453	1,6	339	2,8	361	5,4	1.163	2,2	5.189	0,9
Habitação coletiva	38	0,5	239	0,8	117	1,0	94	1,4	488	0,9	3.709	0,6
Ignorado	1.848	27,0	9.258	33,0	2.576	22,0	855	13,0	14.537	27,0	162.582	27,0
Área industrial	7	0,1	15	< 0,1	31	0,3	19	0,3	72	0,1	458	< 0,1
Outros	353	5,1	1.398	5,0	891	7,5	282	4,3	2.924	5,4	38.671	6,3
Área residencial	745	11,0	3.840	14,0	2.606	22,0	1.687	25,0	8.878	17,0	74.331	12,0
Rua ou estrada	3.679	53,0	12.226	43,0	4.362	37,0	2.793	42,0	23.060	43,0	300.623	49,0
Sexo												
Homem	6.351	91,0	25.768	91,0	10.810	91,0	5.859	88,0	48.788	91,0	560.334	92,0
Mulher	609	8,7	2.363	8,4	1.082	9,1	771	12,0	4.825	9,0	48.289	7,9
Ignorado	7	0,1	62	0,2	19	0,2	2	< 0,1	90	0,2	1.074	0,2

Fonte: SIM/MS.

Obs.: 1. PAF – perfuração por arma de fogo.

2. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma do número de óbitos associados aos seguintes códigos CID-10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja, óbitos causados por agressão, intervenção legal e operações de guerra.

Entre os 53.703 homicídios registrados no Centro-Oeste entre 2012 e 2022, em apenas 52,8% dos homicídios, a ocupação da vítima é conhecida. Entre estas, a tabela 4 apresenta as ocupações mais frequentes, abrangendo 25.278 indivíduos, ou 75,5% das vítimas com ocupações conhecidas. Observa-se a prevalência de trabalhadores braçais, de serviços administrativos ou comerciais.

TABELA 4

Ocupações conhecidas mais frequentes das vítimas de homicídios na região Centro-Oeste (2012-2022)

Ocupação	N. abs.	%
Trabalhadores dos serviços domésticos em geral	3.986	11,9
Trabalhadores da construção civil e obras públicas	3.685	11,0
Técnicos de nível médio em operações comerciais	2.834	8,5
Ajudantes de obras	2.654	7,9
Trabalhadores agrícolas	1.721	5,1
Trabalhadores na exploração agropecuária em geral	1.550	4,6
Condutores de veículos e operadores de equipamentos de elevação e de movimentação de cargas	1.484	4,4
Gerentes de produção e operações	1.134	3,4
Trabalhadores de acabamento de obras	1.116	3,3
Vendedores e demonstradores	1.000	3,0

(Continua)

(Continuação)

Ocupação	N. abs.	%
Trabalhadores de montagem de tubulações, estruturas metálicas e de compósitos	793	2,4
Mecânicos de manutenção veicular	661	2,0
Trabalhadores nos serviços de proteção e segurança	660	2,0
Outros trabalhadores de serviços diversos	628	1,9
Trabalhadores dos serviços de hotelaria e alimentação	540	1,6
Trabalhadores nos serviços de administração, conservação e manutenção de edifícios e logradouros	443	1,3
Trabalhadores nos serviços de embelezamento e cuidados pessoais	389	1,2
Total	25.278	75,5¹

Fonte: SIM/MS e Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego (CBO/MTE).

3 CONCLUSÃO

Conclui-se que, a partir de 2017, a região Centro-Oeste acompanhou a tendência nacional de redução de homicídios, porém com características próprias que exigem políticas de segurança pública adequadas. Goiás e o Distrito Federal mostraram reduções acentuadas, enquanto áreas fronteiriças de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul enfrentam desafios persistentes, impulsionados por conflitos socioambientais e pela atuação de organizações criminosas nas zonas de fronteira. Além disso, o estudo revela a concentração espacial dos homicídios em poucos municípios, demonstrando a relevância de um controle territorial preciso e da alocação de recursos de segurança pública nas áreas mais afetadas.

A análise também evidencia a necessidade de políticas preventivas direcionadas, que considerem as particularidades das vítimas. A vitimização elevada de negros no Distrito Federal e de indígenas em Mato Grosso do Sul sinaliza a urgência de ações específicas que abordem as vulnerabilidades desses grupos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA DA SILVA, A. Um regime de terror para os indígenas kaiowá no Brasil contemporâneo (ou subjetividade analítica e compreensão da violência). **Etnográfica**, v. 27, n. 3, p. 715-737, 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/14368>.
- CERQUEIRA, D. R. de C. *et al.* **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>.
- CERQUEIRA, D. R. de C.; LINS, G. de O. A. **Mapa dos homicídios ocultos no Brasil entre 1996 e 2021**. Brasília: Ipea, 2024a. (Texto para Discussão, n. 3015). Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14016>.
- _____. **Analisando a qualidade dos dados sobre mortes violentas no SIM entre 2010 e 2021**. Rio de Janeiro: Ipea, 2024b. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14053>.
- CHANEY, S. P. *et al.* Crime concentration at micro-places in Latin America. **Crime Science**, v. 8, n. 1, p. 5, 3 dez. 2019.

CIMI – CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Violência contra os povos indígenas no Brasil:** dados de 2022. Brasília: Cimi, 2023. (Relatório). Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2023/07/relatorio-violencia-povos-indigenas-2022-cimi.pdf>.

CPT – COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no campo Brasil 2023.** Goiânia: Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, 2024. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes-2/destaque/6746-conflitos-no-campo-brasil-2023>.

FBSP – FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública:** 2018-2021. São Paulo: FBSP, 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>.

_____. **Relação da população dos municípios enviada ao TCU em 2023.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/37734-relacao-da-populacao-dos-municipios-para-publicacao-no-tcu.html>.

MANSO, B. P.; DIAS, C. N. **A guerra:** a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2018.

SILVA, M. J. da; SATO, M. T. Territórios em tensão: o mapeamento dos conflitos socioambientais do estado de Mato Grosso – Brasil. **Ambiente & Sociedade**, v. 15, n. 1, p. 1-22, abr. 2012.

